

CICLO RUY DUARTE DE CARVALHO

TEATRO | VOU LÁ VISITAR PASTORES

15.16 FEV

Sexta-feira e sábado, Pequeno Auditório, 21h

Preço: 12,50€



FICHA ARTÍSTICA:

Texto original: “Vou lá visitar pastores” (1999) de Ruy Duarte de Carvalho

Adaptação para Teatro: Rui Guilherme Lopes

Encenação e interpretação: Manuel Wiborg

Cenografia e Guarda-roupa: Luís Mouro

Imagens: Fotografias, desenhos e vídeos de Ruy Duarte de Carvalho

Seleção musical: Manuel Wiborg / André Pires (a partir de gravações de Ruy Duarte de Carvalho)

Iluminação: Manuel Wiborg / Rui Alves

Assistência de Produção: Célia Pires

Co-Produção: Actores Produtores Associados / Culturgest

As imagens projectadas no espectáculo, com excepção dos mapas e esquemas, foram seleccionadas a partir de um conjunto de desenhos, fotografias e gravações vídeo captadas por Ruy Duarte de Carvalho em território *Kuvale* e generosamente disponibilizadas.

O livro *Vou lá visitar pastores*, percurso angolano em território *Kuvale*, editado em 1999 pela Cotovia, foi **adaptado para teatro por Rui Guilherme Lopes e encenado e interpretado por Manuel Wiborg**. Já levada a cena numa co-produção Actores Produtores Associados / Culturgest, a obra será reposta em dois espectáculos no Pequeno Auditório.



TEXTO RETIRADO DO PROGRAMA DE SALA DA CULTURGEST A PROPÓSITO DA ESTREIA DESTES ESPECTÁCULO EM MAIO DE 2004

VOU LÁ VISITAR PASTORES *exploração epistolar de um percurso angolano em território Kuvale (1992-1997)*, de título original, foi publicado pela Cotovia em Maio de 1999 e é um vasto fresco sobre os Kuvale, sociedade pastoril do Sudoeste de Angola.

Nas palavras do autor

A ambição deste texto é a de transmitir através de uma escrita que preserva características da comunicação oral (cassetes) um saber que em parte repousa na informação/ tradição oral mas literariamente elaborada e “ruminada” em exaustivas bibliografias, remetendo para as preocupações teóricas das ciências sociais e apoiado num conhecimento minucioso de terras e gentes.

...o “meu livro, o livro para mim, aquele que andava a procurar desde a minha adolescência e decidira por fim escrevê-lo para poder contar-me a mim mesmo o que desde sempre queria saber sobre os Kuvale e ninguém mo dizia porque afinal ninguém o sabia, esse livro jamais eu o faria, e nem podia, porque andava a vivê-lo.

...uma aventura pessoal que me coloca, em plena viragem do milénio e cercado pelo rumor histórico da globalização, empenhado em decifrar os termos da resolução, rigorosamente situados no tempo e no espaço, revelados pela constatação empírica e não pela reconstituição livresca, de uma cultura milenar que todos os dias se reafirma actualizando, desenvolvendo no presente, uma estratégia de integração total entre o meio que lhe assiste, as pessoas que a compõem e o “impalpável” que a envolve, sem no entanto poder descurar nunca a relação com um exterior que a nega a longo termo acabara por inviabilizá-la.

Este espectáculo surge do convite que o Dr. Antonio Pinto Ribeiro me fez em Abril de 2003 para adaptar, encenar e interpretar esta obra de Ruy Duarte de Carvalho de enorme valor literário e antropológico.

A proposta inicial era a de elaborar uma peça de teatro em tom de “conferência”, seguindo um modelo inspirado no espectáculo *The North* de William Yang.

Após a leitura do livro, pareceu-me perfeitamente possível a encenação duma peça cruzando o texto com muito do material antropológico que serviu à escrita do livro e que pertence ao mesmo autor, nomeadamente as imagens documentais vídeo, fotografias, desenhos e gravações ao vivo de canções e entrevistas.

Poderia desta forma elaborar um espectáculo de carácter “literário e científico”, experimental no cruzamento da palavra com a imagem e com o som, a partir dum texto magistral onde se sente uma

miscigenação literária que conjuga a antropologia, o discurso directo, a poesia, a narrativa histórica, etc., num único discurso.

Também me fascinou a actualidade e pertinência do tema de *Vou Lá Visitar Pastores*, tão urgente nestes anos de globalização e de desconhecimento das outras culturas, o tom de reivindicação, de “quase alerta” que o atravessa, tornando-o em meu entender um acto profundamente pedagógico e a tomada duma posição política bem definida em relação à política mundial dos nossos dias, que tanta falta faz a um teatro que pretendo interventivo, moderno e contemporâneo.

Seguindo uma lógica de programação que aposta nos novos dramaturgos portugueses, e no trabalho em progresso, e de discussão com o autor durante a elaboração do texto, decidi convidar Rui Guilherme Lopes para a adaptação, a quem sugeri que tentasse seguir a estrutura do livro, preservando algum do estilo e do tom do original, por se tratar da primeira apresentação mundial de um autor desconhecido para o teatro.

Trabalhar um autor português/angolano pareceu-me também uma escolha pertinente, tendo em conta a vontade da companhia Actores Produtores Associados de internacionalizar os seus trabalhos, principalmente junto do mundo da lusofonia.

Espero que com este espectáculo os espectadores que não sejam leitores habituais de antropologia e de Ruy Duarte de Carvalho possam fazer despertar em si o interesse pela obra deste autor e se tornem futuros leitores do mesmo, que reflectam sobre as suas formas de estar na vida e perante os outros”, observando uns pouco desta realidade cultural tão distante e ao mesmo tempo tão harmoniosa, e fazendo-os pensar sobre os contornos da sua própria cultura e sobre si mesmos enquanto resultado dos sistemas sociais onde se inserem.

Manuel Wiborg

.....

depois de ter analisado o texto original a opção foi a de resumi-lo, num trabalho em que procurei essencialmente a síntese do material existente e não a sua recriação, trabalho esse de imediato simplificado pelo acompanhamento proporcionado pelas imagens.

estamos assim perante uma tentativa de manutenção da estrutura do original, com alterações mínimas, procurando respeitar ao máximo os âmbitos temáticos propostos, e reduzindo ao inevitável a presença da mão exterior, adaptadora.
minha pois.

dois eixos se desenham claramente na obra.

temos por um lado, a visão do antropólogo actuante perante o “objecto” do seu estudo, os *kuvale*, procurando fornecer os dados que resultam de um trabalho que assume um carácter inequivocamente científico.

por outro lado existe a visão pessoal do ruy, viajando de encontro a esta população, agora sujeito que recebe o “objecto” doutor, cidadão angolano, branco e urbano, no seu percurso de alienígena curioso e excêntrico a elemento familiar e familiarizado.

parte do interesse, ate originalidade, deste trabalho, residira precisamente na manutenção sistemática destes dois eixos.

dúvida: trata se de um trabalho de antropologia pessoalizado ou bem de uma escrita pessoal antropologizada (passe o neologismo)?

talvez não interesse responder.

bom seria, afinal de contas, que o espectador, ao assistir, partilhasse do prazer (gozo, mesmo) que tive em trabalhar este texto do ruy, assim tenha eu sabido construir uma adaptação que faça justiça, nestes escassos minutos em que se esgota o teatro, a uma obra complexa e rica, melhor teria que o mesmo espectador quisesse depois ler o original e então o fizesse.

rui guilherme lopes

.....



TEXTO ORIGINAL

Ruy Duarte de Carvalho nasceu em 1941. É um angolano de origem portuguesa. Antropólogo doutorado pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris.

Poeta, já viu publicados mais de dez títulos de poesia e é autor de cerca de vinte horas de cinema documentário sobre as populações do sul de Angola.

Autor ainda de outras obras de ensaio (com destaque para *Ana a Manda - os filhos da rede* (1989), sobre a produção da diferença cultural entre os pescadores da faixa costeira de Luanda) e de duas obras de ficção, *Como se o mundo não tivesse Leste* (1977) e *Os Papéis do Inglês* (2000).

Professor titular na Universidade de Luanda, foi professor convidado nas Universidades de Coimbra e de São Paulo.

ADAPTAÇÃO PARA TEATRO

Rui Guilherme Lopes, dramaturgo escreveu *G. – Sob a tua aparência quem sabe que arrepió te perturba?* para o Teatro Focus. Para a APA adaptou *As Regras da Atracção*, de Bret Easton Ellis. Para o grupo Depois da uma – teatro? escreveu os textos *Equimoses - nódoas na cidade*; *Acquotidiano – os dias da Água*; *Homem mau* e *Longe*. Foi responsável pelo texto *A gente vê-se lá fora*, do grupo Suburbe, e colaborou com Joaquim Horta em *Ruído* e *Tudo o que é sólido dissolve-se no ar*. Com AME – atelier da máquina de escrever apresentou leituras do projecto provisoriamente intitulado *Hora mágica*, textos de onde saíram as encenações *Duas* e *Foi quando*. Para Artapart concebeu e dirigiu os espectáculos *Até ver(me)* e *Coup de théâtre*. Desenvolveu ainda actividade como actor e nas áreas da produção, vídeo e cenografia Na área da dança colaborou com Filipa Francisco em *Jogo*, *Polaroids de plantas carnívoras*, *Arrivé/departure*, *Estudo para jardim*, *Harmonia e performance*. Com João Fiadeiro em *O que sou não fui sozinho*, e com o grupo lei mème (Grenoble) em *Spectacle de rue*. É ainda autor de diversas instalações e de algumas incursões pela pintura e batida desenhada, no que respeita às artes visuais.

ENCENAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Manuel Wiborg nasceu em Lisboa em 1968. Como actor trabalhou no cinema em, *Xavier* de Manuel Mozos, *Das Tripas Coração* de Joaquim Pinto, *A Tremonha de Cristal* de António Campos, *Coitado do Jorge* (prémio interpretação no Festival Internacional de Cinema de Dunkerque) e *António, um Rapaz de Lisboa* de Jorge Silva Melo, *Cinemamor* de Jacinto Lucas Pires, *Amor Perdido* de Jorge Queiroga, *A Jangada de Pedra* de George S., *Sens Elle* de Ana de

Palma, *Empresta-me Os Teus Olhos* de António Pinto, *Kiss Me* de António da Cunha Telles e *Pele* de Fernando Vendrell.

Na televisão trabalhou nas telenovelas: *Cinzas*, *Verão Quente*, *Ajuste de Contas*, *Olhos de Água*, *Nunca digas Adeus*, *Lusitana Paixão*, *Dinheiro Vivo*, *O Jogo*, nas séries: *Querido Professor*, *Jornalistas*, *Residencial Tejo*, *Super Pai*, *Inspector Max* e *A Ferreirinha*, *Quando os Lobos Uivam*, *Pedro e Inês* e no documentário sobre as comemorações dos 25 anos do 25 de Abril realizado por Joana Pontes.

No teatro trabalhou em *Amo-te* de Abel Neves, *A Curva Perigosa* de J. B. Priestley, *Greensleaves* de Joyce Carol Oates, *A Morte de um Caixeiro Viajante* de Arthur Miller, *A Última Semana Antes da Festa* de Carlos Coutinho, *António, um Rapaz de Lisboa*, *O Fim ou Tende Misericórdia de Nós*, *Prometeu Rascunhos* e *Prometeu* de Jorge Silva Melo, *A Tragédia de Coriolano* de Shakespeare, *A Queda do Egoísta Johan Fatzer* de Brecht, *Aos que Nascerem Depois de Nós* de Brecht/Weil/Heisler, *Germania 3* de Heiner Mueller, *Hotel Orpheu* de Gabriel Gbadamosi, *O Amante de Ninguém* de Manuel Wiborg (a partir de Dostoiévsky), *Universos e Frigoríficos* de Jacinto Lucas Pires, *Crime e Castigo* de José Maria Vieira Mendes (a partir de Dostoiévsky), *Lá ao Fundo o Rio* de José Maria Vieira Mendes (a partir de Dostoiévsky), *Nada do Outro Mundo* de António Cabrita, *As Regras da Atração* de Rui Guilherme Lopes (a partir de Bret Easton Ellis), *O Homem ou é Tonto ou é Mulher* de Gonçalo M. Tavares, *A Coleção* de Harold Pinter, *Trilogia Stindberg* de August Strindberg, *Vou Lá Visitar Pastores* de Rui Guilherme Lopes (a partir de Ruy Duarte de Carvalho) e *América* de Biljana Srbljanovic. Nestas trabalhou com os encenadores: Almeno Gonçalves, Henrique Santos, José Peixoto, Mário Jacques, Jorge Silva Melo, Jean Jourdheuil, Artur Ramos e Rogério de Carvalho.

Fez o narrador de *Pedro e o Lobo* de Prokofiev com uma Orquestra Luso-Francesa, no CREA em Nantes (França) e no Centro Cultural de Belém em Lisboa (Festa da Música).

Produziu e encenou *Hotel Orpheu* com a Associação Cultural Dos Novos Artistas Africanos-Tchomdinôs.

Escreve e encena *O Amante de Ninguém* (a partir de Dostoiévsky), publicado na Cotovia, com produção de Artistas Unidos.

Em 1998 funda a Actores Produtores Associados onde é director artístico, tendo feito os espectáculos: *Universos e Frigoríficos*, *Crime e Castigo*, *Lá ao Fundo o Rio*, *Nada do Outro Mundo*, *As Regras da Atração* (Prémio Revelação Ribeiro da Fonte em 2001), *O Homem ou é Tonto ou é Mulher*, *Histórias de Família*, *Vou Lá Visitar Pastores*, *América*, *Uma Laranja Mecânica – Uma Peça com Música* (produções e encenações), *Coleção* e *Trilogia Stindberg* (produções).

Em 2006 participa como narrador no espectáculo *As Metamorfoses de Ovídio – do Mito à Música*, em conjunto com a Tafelmusik Baroque Orchestra, no Centro Cultural de Belém.

Participou na telenovela *Tempo de Viver* (TVI).

Enquadrou o elenco da peça *Os 7 Dias de Simão Labrosse*, com encenação de Maria Emília Correia (Teatro Aberto).

CENOGRAFIA E GUARDA-ROUPA

Luís Mouro nasceu em 1965. É licenciado em Escultura e mestrando em Desenho pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Em 1983 executa os primeiros trabalhos de escultura em pedra no atelier do escultor Moreira Neves, na Covilhã e em 1986/91 trabalha regularmente em Évora como assistente do escultor João Cutileiro e nas oficinas do Departamento de Escultura do Centro Cultural de Évora. Participa em exposições colectivas e encontros nacionais e recebe algumas distinções. Em 1988, sob a orientação de João Calvário, inicia a colaboração plástica em Teatro, Dança e Ópera, mais tarde concebendo e construindo adereços particulares ou dando assistência a cenografias de Ascon de Nijs, Christine Laurent, Cristina Reis, Jasmim de Matos, José Manuel Castanheira, Nuno Carinhas e Vera Castro em meia centena de espectáculos. Entre 1993/98 mantém a actividade regular como assistente de Cenografia no Teatro da Cornucópia, depois como coordenador técnico de montagem. Ainda neste âmbito, tem acumulado experiências pedagógicas ou de consultoria técnica pontuais. Desde 1991 concebe a cenografia, figurinos e grafismo de cerca de 20 espectáculos dirigidos por Alexandre Barata, Amadeu Neves, Carlos

Aurélio, Silvína Pereira, Nuno Pino Custódio, Rogério Bruno, Manuel Cintra, Margarida Bettencourt e em particular com Gil Salgueiro Nave. Na APA trabalhou nos espectáculos: *Histórias de Família* (cenografia e figurinos), *Vou Lá Visitar Pastores* (cenografia, figurinos e grafismo), *América* (cenografia e figurinos) e *Uma Laranja Mecânica – Uma Peça com Música*, com encenação e direcção artística de Manuel Wiborg.